



O EXÍLIO COMO DESTINO

Zuleide Duarte¹

RESUMO

O texto lê as questões da migração e do exílio no romance *O ventre do Atlântico* (2004) da escritora senegalesa Fatou Diome, focalizando uma dupla visão apresentada no texto: a leitura dos que efetivamente migram, com seus conflitos e decepções e a perspectiva equivocada que ocupa o imaginário dos que permanecem na terra natal, para quem o país de “acolhimento” representa, não raras vezes, o mítico Eldorado que moveu os viajantes nos séculos XV e XVI em busca da árvore das patacas ou do mítico reino de Prestes João. Com base nos estudos de Sayad (1996), Said (2007), Kristeva (1994) e Wilson (1986), busca-se evidenciar a experiência do exílio narrada em um texto que mescla autobiografia e ficção, que permite, pelo seu caráter ficcional, a denúncia de abusos e crimes cometidos contra esses sonhadores de outros mundos, empurrados por um destino incerto para o Mar, porta de saída da condição de insularidade.

PALAVRAS-CHAVE: exílio; mar; migração; retorno.

ABSTRACT

This work deals with the questions of migration and exile in the novel *O ventre do Atlântico* (2004), written by the Senegalese author Fatou Diome. The focus is on a double vision presented in the text: the reading of those who effectively migrated, with their own conflicts and deceptions as well as the wrong perspective that occupies the imaginary of those who remain in their homeland, to whom the “host” country represents, not rarely, the mythic Eldorado that moved the voyagers from XV and XVI centuries in the search of the tree of Money or the mythical reign of Prestes João. Based on the studies of Sayad (1996), Said (2007), Kristeva (1994) and Wilson (1986), it is sought to evidence the experience of the exile narrated in a text that mingles autobiography and fiction, which allows, for its fictional character, the delation of abuses and crimes committed against these dreamers of other worlds, pushed by an uncertain destiny to the Sea, exit gate from insular condition.

KEYWORDS: exile; sea; migration; return.

¹ Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande-PB. zuleide.duarte@hotmail.com

Eu sei por experiência que os exilados se alimentam de esperança.
(Ésquilo. In: *Agamenon*, 458 a.C.)

Introdução

O tema do mar perpassa a literatura como as outras expressões artísticas, de um modo geral, exercendo um fascínio a que não escapam produtores e consumidores. A relação do pélagos revoltado ou sereno, pleno de embarcações e marulho ou imenso, sonoro e vazio, continua inspirando cenas capturadas pelo pincel, pelo cinzel, pelos acordes da canção e pela palavra de autores e autoras que retratam desejos, saudades, êxtase e desespero na contemplação, através da memória, no desejo de arrebatamento, como expressou o poeta Charles Baudelaire no poema *Moes-ta et Errabunda* (Lamer, *la grande mer console nos labeurs*) ou, como tão bem cantou o poeta Charles Trenet, na canção *La mer* (*La mer, a bercé mon coeur pour la vie...*), traduzindo a ânsia de infinito, a aura de encantamento e grandiosidade emanada do mar. Se fôssemos abordar as metáforas marítimas restringindo-nos, por exemplo, às literaturas ocidentais, já escreveríamos muitos volumes. Mas não é somente deste mar inspirador de poetas que falamos aqui. O mar de que trata o texto de Fatou Diome, para além da magia, é testemunha de sofrimento, lágrimas e sangue de homens e mulheres que se aventuram na sua travessia para um porto além.

O mar conecta-se com o homem e com o artista, em particular, sugerindo, na sua grandiosidade, mensagens de dor e alegria, de fuga para o invisível, de retorno para um tempo irrecurável. Tenebroso, *levado*, como nas cantigas de amigo, primordial, ventre dos refugiados na bíblica arca, “desde sempre o mar”, nas palavras da poeta Cecília Meireles, esse mar de atlânticas voragens é palco do romance *O ventre do Atlântico* (2004), da escritora senegalesa Fatou Diome, texto incontornável, objeto destas considerações.

Da travessia do Atlântico desde Niodior, no Senegal, para a França (Estrasburgo), a narradora desenha painéis com imagens em que coloca o oceano Atlântico como, e de fato é, ponte entre dois mundos: cais de partida, ligado aos cortes, agruras, saudades, e porto de chegada, depositário de esperanças, de religação e reencontro de memórias: vida suspensa em registro afetivo, cristalizado no olvido temporário do ser dividido em que se tornou o homem/mulher que partiu na diáspora, sacudido pelas revoltosas ondas da insegurança, da fome, do medo da morte: emigrante/exilado atrás de um devir nem sempre seguro.

Cheio de sortilégios, o mar acena com promessas fantásticas e interpõe um abismo entre presente e passado. Mar e mãe, metáforas do líquido menstrual e amniótico, símbolo do feminino e, portanto, gerador da vida, o mar ambivalente de Fatou Diome é um similar do *salso argento* e do *mar irado* de Camões, do *mar anterior a nós*, de Fernando Pessoa e do mar de Cecília Meireles: “o mar é só mar, desprovido de apegos/ matando-se e recuperando-se”, ou o mar de Sophia de Melo Breyner: “Não apenas este mar que reboa nas minhas vidraças [...] e entre água e estrela estudo a solidão”.

Nas poetisas mencionadas lemos o mar, motivo e inspiração. Em Fatou Diome, o mar está inalienavelmente atrelado ao destino dos ilhéus, condicionamento geográfico e afetivo, inevitável passagem. Nas palavras da narradora,

Nenhuma rede poderá impedir as algas do Atlântico de vogar e buscar o seu sabor nas águas que atravessam. Rasurar, varrer os fundos marinhos, molhar nas tintas de choco, escrever a vida na crista das ondas.

[...] A partida é o único horizonte oferecido aos que procuram os mil escrínios onde o destino esconde as soluções dos seus mil erros (DIOME, 2004, p. 210).

Esse mar cúmplice que testemunhou a partida de seres escravizados, vendidos no desumano comércio escravocrata, testemunha, contemporaneamente, a fuga de pessoas que vítimas de uma situação insustentável, vivem outro de tipo de escravidão: a busca de um indefinido e desejado oásis no deserto das desumanidades que por aí grassam. Inevitável busca, pontilhada de incertezas e decepções, única alternativa, para incerto amanhã. É esta a grande inspiração do texto de Fatou Diome, que que sugerimos uma leitura.

Vivendo à prestação

As ondas migratórias que se têm sucedido contemporaneamente, trazendo fugitivos, expulsos pelas adversidades enfrentadas em países convulsionados por guerras ou por condições miseráveis de sobrevivência, vêm provocando uma avalanche de revolta no mundo, que assiste ao apelo desesperado desses emigrantes, que partem com um destino incerto, sem porto de chegada onde possam, seguros, reiniciar a vida interrompida de forma tão brutal. Fatou Diome tem sido uma voz em favor desses desvalidos da sorte, cidadãos que fazem o caminho inverso ao dos navegadores que buscaram explorar as terras do chamado *oriente*, invocando aqui a expressão utilizada pelo escritor palestino Edward Said (2007), para discutir e verberar a ação nefasta dos impérios contra as culturas ditas orientais e presuntivamente *carentes* do apoio do Ocidente. As intervenções de Fatou Diome viralizaram nas redes sociais e vêm ensejando reflexões sobre a acolhida a esses refugiados em outros cantos do mundo, não raro carregadas de atitudes racistas, preconceituosas e por que não dizer (?) covardes. É dela a reflexão:

A União Europeia, com a sua frota da marinha e da guerra pode resgatar os migrantes no Atlântico e no Mar Mediterrâneo, se quiserem, mas eles esperam até que os migrantes morram. É como se deixá-los se afogar funcionasse como um bloqueio para impedir os imigrantes de partirem para a Europa. Mas, deixe-me dizer uma coisa: isso não vai dissuadir ninguém porque o indivíduo que está migrando com instinto de sobrevivência, que acredita que a vida que estamos vivendo não vale muito, não tem medo da morte. É a representação que a Europa faz para o outro que alimenta o racismo (DIOME, 2015).

Fugindo da morte e enfrentando-a, contraditoriamente, o emigrante busca um raio de esperança em meio ao caos do momento. Isto remete ao romance *A esperança é uma travessia* (2007), da autora marroquina Laila Lalami, que narra a tentativa de fuga para a Espanha de cidadãos marginalizados no seu país natal, enfrentando o mar em um barco sem estabilidade, superlotado de fugitivos.

É dessa esperança e da travessia do Atlântico que Fatou Diome trata no seu *O ventre do Atlântico* (2004). As intervenções da escritora nas discussões sobre essas ondas migratórias e a recepção que as esperam nos países de *acolhimento* denunciam a identificação da autora, ela mesma também migrante. A natureza autobiográfica do romance, mesclado de elementos ficcionais, faculta uma certa liberdade que a personagem Salie utiliza para exortar seu meio-irmão Madické, con-

tra o que assistimos escondidas nas palavras de pessoas que sonham com a migração ou, em situação mais radical, contra o discurso do *homem de Barbès*, senegalês que se divide entre a França e Niodior, vivendo duas situações absolutamente opostas, que ele teima em obscurecer. Na França, vivendo no bairro Barbès, tradicional reduto de africanos em Paris, leva uma vida miserável, fazendo os mais humildes serviços para, nas férias, com sua moeda forte, que tudo compra, dar curso ao singular jogo da vida, narrado em muitas partidas, tempos e adiamentos.

A vida é um jogo?

Fatou Diome é natural de Niodior, ilha situada a sudoeste do Senegal, no delta do Saloum. A autora enfrentou enormes dificuldades na sua ilha natal, a começar pela condição de filha natural que miraculosamente escapou da morte, sorte que não teve a criança da personagem Sankèle, atirada às águas por aquele que deveria protegê-la, o avô. Fatou foi criada pela avó e acabou por ir estudar em Dakar, quando contraiu matrimônio com um francês, o que a levou para a França. A condição de subalternidade da mulher, destinada ao paraíso da cozinha (pela tradição de seu povo), e à decisão de estudar, a despeito das dificuldades encontradas, renderam à autora, como à narradora Salie, a condição de “outsider” (WILSON, 1986), estrangeira na sua terra. Completando o perfil, o divórcio chegou cedo, agravos que uma sociedade tradicional não consegue assimilar. Lemos, ainda, no texto, as desventuras do casamento/descasamento em Estrasburgo, onde decidiu permanecer para seguir os estudos, condição que a expôs a enorme preconceito na França também, mas que ela manteve com o trabalho de *femme de ménage* durante seis anos. Com o doutorado em letras modernas na Universidade de Estrasburgo, Fatou tornou-se docente da mesma universidade em que estudou.

A situação da mulher discriminada, vitimizada, sujeita à poligamia e aos casamentos *arranjados* pela família tem lugar na escrita de Fatou, ela mesma filha natural, criada pela avó. Idas e vindas, atlânticas travessias entre o Senegal e a França alimentam o romance que se equilibra entre o ficcional e o autorreferente, com as tintas fortes da biografia da autora, que reconta as histórias de migrantes e migrações, situações inconciliáveis de exílio na metrópole, exílio na terra natal, e, principalmente, na imaginação equivocada de insulares, que sonham idilicamente com um paraíso além-mar. O trânsito por esses mundos, mediado pelo Atlântico, alimenta a gestação e recolhe os abortos de sonhos e desilusões.

29 de junho de 2000. Campeonato europeu. Transmissão de um jogo de futebol entre Itália e Holanda. Este é o pontapé deflagrador da narrativa *O Ventre do Atlântico*. Assim é que Salie, narradora do romance, obriga-se a assistir ao jogo de futebol do campeonato europeu para dar conta do desempenho da seleção italiana, onde brilha o ídolo do seu meio-irmão Madické, o jogador Maldini, da seleção italiana. A personagem sente-se responsável pelo adolescente e quer poupá-lo das decepções que perpassam sua própria história. Como emigrante, ela conhecia sobrejamente as condições ultrajantes em que viviam a maioria dos emigrantes na antiga metrópole. Pierre Bourdieu, no prefácio do livro *A imigração* (1998), do sociólogo argelino Abdelmalek Sayad, ratifica a ideia de emigrante adotada por Salie:

Como Sócrates, o imigrante é atopus, sem lugar, deslocado, inclassificável... Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também

fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido da incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo – aténa ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial – apenas reproduz o embaraço que sua existência incômoda cria. Incômodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade. Presença ausente, ele nos obriga a questionar não só a relação de rejeição, que, ao considerar o Estado como uma expressão da Nação, justificam-se pretendendo fundar a cidadania na comunidade de língua e de cultura (quando não de “raça”), como também a generosidade assimilacionista, que, confiante em que o Estado, armado com uma educação saberá produzir a Nação, poderia dissimular um chauvinismo do universal... (BOURDIEU, 1998, p. 11-12).

Este conflito é evidenciado na repressão policial contra os senegaleses por ocasião da vitória do time daquele país. Na França, os imigrantes foram repelidos e expulsos. A narradora analisa o tratamento dispensado aos imigrantes e compara a tolerância dos cidadãos de Dakar quando os franceses expatriados comemoraram ruidosamente a sua vitória. O texto fala por si. O tratamento desigual conferido aos migrantes revela-se em passagens como esta:

[...] ritmaram o sono dos cidadãos com os seus múltiplos concertos de buzinações, sem que alguém lhes fizesse qualquer reparo sobre os excessos das suas bebedeiras. Dispensados de visto, estão em suas casas, de acordo com a tétanga, a hospitalidade local, e as leis que a França impõe aos nossos dirigentes fazendo-lhes sentir a sua superioridade (DIOME, 2004, p. 198).

Mesmo os que tem de regressar ao país com as malas repletas de fracassos, humilhações e decepções, saíram dos cantos da cidade onde vivem como gado, para berrarem o seu orgulho reencontrado no hexágono. Chegavam até a esquecer-se de que nunca se fala de reconhecimento nem de uma simples cidadania a propósito deles, mas de tolerância e integração no molde de uma sociedade-peneira da qual são apenas os grumos. Enquanto os senegaleses de Paris se regozijavam desfilando pelos Campos Elíseos, foram apanhados pela situação de imigrados e pelo respectivo corolário: o desprezo. O Arco do Triunfo não é para os Pretos! Vamos, circulem! Mas em 1998, em Dakar, os franceses expatriados tinham obstruído todas as grandes avenidas antes de se apropriarem dos melhores restaurantes. Bebendo à Taça até ao fim da noite (DIOME, 2004, p. 99).

Não se pode deixar de referir o tratamento discriminatório e subalternizador impingido pela França, ex-colonizador do Senegal, aos cidadãos que teimam em buscar ali refúgio, emprego, melhores condições de vida. Falamos da França mas, de modo geral, essa *política* é mais ou menos encontrada nos antigos impérios colonizadores.

O irmão de Salie e outras pessoas de Niodior consideram-na bem posta financeiramente. No entanto, ela é estudante e prestadora de serviços domésticos que se sacrifica para financiar os caríssimos telefonemas para o posto dos Correios de Niodiore ouvir os comentários sobre o futebol, além de esforçar-se para atender aos pedidos do irmão. De férias, na ilha, a parentela e alguns ditos amigos assediam-na com pedidos incompatíveis com seus recursos que eles não acreditam serem poucos. Esta distorção incomoda Salie. A personagem desabafa: “quem fica não sente as dores do exílio nem as entende” (DIOME, 2004, p. 58.).

Vítima dos costumes tradicionais, Salie esvaziava a bolsa para gratificar os ávidos parentes que não entendiam a situação de uma divorciada, imigrante, em um país idealizado, pois, ligada a

Niodior pelo afeto, sobretudo pela avó e pelo meio irmão-irmão, a personagem encarna a emigrante que se sente em dívida para com os que ficaram. Na ilha, as pessoas alimentam uma ideia distorcida da real situação do migrante. Não percebem as dificuldades enfrentadas nas grandes cidades. Problemas materiais e de identidade que não tornam fácil a vida ali. Não imaginam que a situação do emigrante que, por mais bem-sucedido, será sempre alguém que não faz parte de forma integral de uma comunidade. Ao texto de Fatou, tão marcado por referências de culpa, também se liga o sentimento nostálgico diante da necessidade de abandonar as raízes e carregar essa mácula aonde for, fundamentada na ideia de que o emigrante sai não apenas da pátria, mas com ela.

Discutindo sobre a nostalgia que prostra o exilado, Abdelmalek Sayad (1996) pondera:

A nostalgia, no fundo diz bem o que é o exílio: uma busca de impossível ubiquidade, o sonho de estar aqui e lá ao mesmo tempo e todo o tempo. Ele se nutre desta duplicidade entre duas vidas simultâneas, vividas sobre dois registros diferentes, o da realidade e o do desejo. A realidade de uma vida ativa, no presente, pesada de materialidade, de imediatismo, de cotidianidade; e o desejo que traduz uma vida toda interior, secreta, feita de lembranças e de imaginação daquilo que não é mais, mas será talvez de novo amanhã, vivida em superposição sobre a vida efetiva. (SAYAD, 1996, p. 11, tradução nossa).

O cientista argelino, discutindo as causas das dores que acompanham o exilado, imobilizando-o no sofrimento e na impossibilidade de realização do desejo de retorno, considera que os emigrantes, em geral, são vítimas da crença de que voltando às origens recuperarão o tempo e o espaço perdidos. Para ele, o exilado tenta retornar a si próprio, ao tempo anterior ao exílio. E, no afã de recuperar uma identidade fragmentada pela dor de ser estranho a todos os lugares ao mesmo tempo, possui uma identidade que, no dizer de Julia Kristeva (1994), é móvel e desenraizada, acumula decepções e frustrações na busca inútil de uma impossível ubiquidade.

A personagem Salie tenta *justificar* a atitude dos seus conterrâneos ilhéus em relação à sua generosidade, para aplacar a culpa de não voltar vitoriosa ou, mais radicalmente, de não poder levá-los a uma vida de prazeres, onde as dificuldades desaparecem, como por encanto. Ela sabe, por experiência, a vida de lutas que leva o já citado *homem de Barbés*, personagem do livro que vive entre a ilha e a França. Em Niodior, ele ostenta luxo e riqueza; em Paris, um vendedor, sem a visibilidade mínima nem a importância com que se apresenta na ilha. Necessita *vender* a imagem do vitorioso e criminosamente aguça o desejo e a curiosidade dos jovens em relação à metrópole.

A narradora lastima a cristalização da mentalidade insular, a propósito do tratamento dispensado ao professor Ndétare, senegalês mas não insular, tratado sempre como estrangeiro, de *fora*, esquisito, na sua postura intelectual, na mentalidade esclarecida que revelava com palavras e ações. Inimizado com o *homem de Barbés*, Ndétare treinava o time de Niodior e funcionava como uma espécie de conselheiro daqueles jovens sonhadores.

Entrando, sorrateiramente, na sua sala de aula, a menina Salie estudou, a princípio. Depois, reconhecendo a aplicação da estudante clandestina, o professor empenhou-se na sua educação. Destoando do discurso dos iludidos da ilha, o professor tornou-se amigo de Salie. Mas...

Esta sociedade insular, mesmo quando se deixa abordar, permanece uma estrutura monolítica impenetrável que nunca digere os corpos estranhos. Aqui todos se parecem uns com os outros. Há séculos que os mesmos genes percorrem a aldeia, se encontram a cada união, se encadeiam para desenhar o relevo da ilha, produzindo as diferentes

gerações que, uma após outras partilham as mesmas terras segundo regras imutáveis (DIOME, 2004, p. 75).

A imutabilidade na forma de ver o mundo leva a narradora a refletir sobre a inutilidade de alertar Madické, o irmão, para a visão equivocada da França nutrida por ele e por quase a totalidade dos insulares. Imbuída da certeza de uma responsabilidade que, mesmo involuntariamente, assumiu ao emigrar, a personagem submete-se ao teatro encenado pelos que lhe cobram:

Apesar dos subtendidos, faziam-se humildes me sacarem uma nota, ou uma tee-shirt, em nome de um costume que impede muitos emigrados de fracos recursos de irem passar férias no seu país de origem: a pessoa que regressa deve oferecer prendas cujo valor é estimado consoante a distância da sua proveniência e o laço que o liga ao beneficiário [...] Elaboravam-se planos insensatos a meu respeito. Alguns diziam que eu ia levar o meu irmão... (DIOME, 2004, p. 50-51).

Ao partir, a personagem levou na memória todos os que amava, mas não conseguiu descartar as decepções e os desafetos. Narrar a ilha permite manter viva a lembrança de sua origem, útero primordial. A relação do exilado com a comunidade de origem está bem delineada no seu discurso, que destaca a importância das recordações bem como o desejo de fixá-las através da palavra, forma de mantê-las vivas. Ausente do país, é através da posse de outro objeto amado – a linguagem – que a mulher se relaciona com o mundo. Parece ser essa a problemática que está por trás da palavra exílio, duplamente entendida como a impossibilidade de se voltar ao ponto de origem, a não ser pela memória ou pela manutenção da língua materna como idioma de expressão afetiva, mesmo que se fale/ escreva em uma outra língua majoritária, que no caso da senegalesa, por mais incrível que pareça, ao falar o francês insular, marcado por registro de línguas nacionais, minoritárias, parece muitas vezes, o registro numa outra mesma língua. Nas suas palavras, “identitários é a dopamina o orgulho dos exilados” (DIOME, 2004, p. 133). Daí a necessidade de alimentos, roupas e cheiros do país natal. Para ela, a escrita funciona como um salvo-conduto para expressar livremente as críticas sem, necessariamente, assiná-las com o seu nome civil. O pacto ficcional lhe permite assumir os papéis apropriados ao discurso híbrido que elaborou. Como Paulo Honório, personagem de São Bernardo, do brasileiro Graciliano Ramos, Salie, a narradora, mescla o texto de comentários que se podem atribuir à autora ou à personagem por ela criada.

Outsider, Salie vivia em Estrasburgo dividida. Quando a saudade era demais, retornava para sua ilha, saboreava um bule de chá, ao som de Yandé Coudou, cantora senegalesa e se deixava embalar nas vagas do Atlântico. A música de Coudou levava Salie a um estado nostálgico, que a faz desabafar: “A nostalgia é o meu fado; de relíquias, tal como as fotografias dos meus, para sempre deitados tenho de domesticá-la, guardar a música das minhas raízes nas minhas gavetas na areia quente de Niodior” (DIOME, 2004, p. 50).

Imbuída da necessidade de sobrevivência, Salie lutava para não sucumbir à solidão, pacificada pelas ligações para o irmão que, embora cheias de cobranças e parcas de afetos, levavam-na a sua Niodior natal, para onde não planejava retornar, mas sempre presente no coração. O alto preço das ligações faz com ela reflita sobre a ingenuidade do presidente Leopold Senghor que, “Ao elaborar minuciosamente a francofonia, [...] devia ter-se lembrado que o francês é mais rico que a maioria dos francófonos e ter negociado para evitar os extorsivos preços praticados nas

telecomunicações” (DIOME, 2004, p. 32).

O retorno não se punha como hipótese para Salie, atitude incompreensível para o jovem irmão. Por que insistia ela em mantê-lo na ilha se não admitia a hipótese de retornar? Como bem disse Said: “O *pathos* do exílio está na perda do contato com a solidez e a satisfação da terra: voltar para o lar está fora de questão” (SAID, 2003, p. 52).

Madické não compreendia o pecado de sonhar novos mundos. Não percebia que a irmã, diferentemente da coleguinha que na escola projetava o seu futuro a “fazer de mamã”, único caminho, desejasse fugir das arraigadas crenças tradicionais, trajetória possível e desejável para uma mulher, segundo as já aludidas tradições insulares, e sonhasse com Sokhna Dieng, primeira jornalista da televisão senegalesa, a fascinante mulher que “tinha direito à palavra” (DIOME, 2004, p. 156), que a protagonista avaliava como exemplo de mulher, inspiração para a vida.

Por este ideal tão distanciado do caminho já determinado para as mulheres de Niodior, por rejeitar “a poligamia e a caterva de miúdos, medidor da virilidade masculina e da servidão da mulher, por não aceitar a primitiva ciência do marabuto” (DIOME, 2004, p. 38), cansada de viver submissa à espera vã do amor dos outros, Salie expressa sua vontade de deixar a terra natal:

[...] desejosa de respirar sem incomodar, para que o batimento do coração deixasse de ser considerado um sacrilégio, embarquei e das minhas malas fiz escrínios de sombra...O além atrai-me, pois, virgem da minha história, ele não me julga com base nos erros do destino, mas em função do que decidi ser; para mim ele é a garantia de liberdade, de autodeterminação. Partir é ter todas as coragens de se parir a si próprio; nascer de si mesmo é a mais legítima das nascenças (DIOME, 2004, p. 187).

Este discurso da personagem entra em conflito com o desejo de emigrar que para o irmão, tornou-se obsessivo. Instigado pelo insidioso *homem de Barbés*, Madické pressionava a irmã, pondo em cheque o seu discurso, convidando-a a retornar à ilha, já que ela alegava não viver confortavelmente como se supunha. Para o adolescente não era elucidativo o trágico destino de Moussa, senegalês que emigrou para jogar futebol e, não logrando êxito ao cabo de um ano acabou por ter que pagar as despesas realizadas com ele, foi deportado e, na ilha, não suportando o peso do fracasso, acabou por se matar. O meio-irmão de Salie recorria aos métodos mais tradicionais para conseguir realizar o que julgava ser seu mais legítimo direito. Assim, “muito enraizado na sua cultura, [Madické] conservava uma fé inabalável nas práticas ancestrais e resolveu consultar o marabuto” (DIOME, 2004, p. 91).

O adolescente tentava persuadir a irmã a bancar sua emigração alegando o êxito obtido por ela com a publicação de um livro (aqui a vida se intromete também nos interstícios da ficção). À ilha não chegavam muitas notícias dos insucessos e desgostos sofridos no processo, salvo a emblemática narrativa do já mencionado Moussa ou de Ndétare, impedido de regressar a França. Tristes exemplos, entre os milhares que se poderiam contar. De desgostos e fracassos dessa natureza, Salie tenta poupar Madické que, na verdura de seus anos não é capaz de perceber quão utópica é a visão difundida na metrópole entre os ilhéus. Sonhadores de outros mundos, é mais fácil acusar o outro de egoísmo, avareza ou mesmo, pela transformação resultante da suposta vida de luxo e conforto, uma certa vergonha de expor as origens insulares. A queixa sentida do jovem toma corpo no desabafo:

Como não me queres ajudar, deixa-me dizer-te uma coisa: tornaste-te uma europeia, uma individualista. Um rapaz da aldeia, regressado de França, diz que tens tido muito

êxito, que publicaste um livro. Jura que até te viu na televisão. Aqui, as pessoas dizem que um jornal local também publicou coisas sobre o teu livro. Portanto, com todo o dinheiro que agora ganhas, se não fosses egoísta já me terias pago o bilhete, já me terias convidado para tua casa (DIOME, 2004, p. 129).

Mas Salie ama demais o irmão para patrocinar o seu provável desencantamento com a França. Ela conhece, por experiência, que o malogro dos sonhos e projetos aguarda o migrante logo nas filas de identificação dos aeroportos. Ela própria já experimentara a desconfortante sensação de fora do lugar, mesmo falando a língua da metrópole e com passaporte francês. Ela aprendera a ler a surpresa e a censura velada nos olhos dos funcionários ao examinarem sua documentação. Na França, ela, o irmão ou outro qualquer ilhéu nunca seria um cidadão em pleno gozo de seus direitos. É da autora o comentário abaixo, corroborando o comentário acima:

Quando você é um canadense branco ou um argentino e você vem viver na França, você é um expatriado. Mas, se você é africano, ou indiano, ou afegão, e você vem para a França ou a Alemanha, você está como imigrante, não importa as circunstâncias. É a representação que a Europa faz para o outro que alimenta o racismo (DIOME, 2015).

Desejando poupar o irmão à condição de emigrante, trabalhador que não faz parte da comunidade, embora contribua para o seu crescimento, Salie o persuade, com um montante em dinheiro, a manter-se na ilha. O jovem recebeu o dinheiro, mas manteve-se silencioso por longo tempo. Salie intuía que o irmão estaria magoado, punindo-a com um silêncio acusador. Ela sofria com a ausência de contato e até desejava pagar os caríssimos telefonemas do irmão para falar de assuntos ligados diretamente aos seus interesses de jovem, sem permitir à irmã alargar-se em questões sobre o restante da família. Em pleno estado de indignação afetiva, ela aguardava um telefonema, mesmo que fosse pleno de cobranças e recriminações. Para sua alegria, o irmão, entendendo, afinal, que podia realizar-se em Niodior, após longo período de silêncio, telefona a Salie e a surpreende com o seu tom conciliador, contido, quase amoroso. Mudara de planos e tinha um projeto de vida em Niodior e até uma proposta. Salie lê nas palavras de Madické, uma carícia tímida, um reflexo de amor, sentimento. Diante do novo, a narradora comenta:

Na nossa terra, o amor não se confessa abertamente, ele tem de brotar dos corações e, como os braços do Atlântico, cavar os seus próprios sulcos para regar terras ávidas. Temos, portanto de adivinhá-lo na volta de uma frase, no espaço de um olhar que se semicerra muito devagar, num sorriso que paira num canto dos lábios... (DIOME, 2004, p. 78).

Um certo pudor para maiores expansões leva o irmão a medir as palavras. Contido, ele lhe diz da satisfação de ter sua lojinha e a convida para retornar. Afeto tímido, quase medroso, mais intuitivo que verbalizado, medido. Salie se comove, mas sabe que para ela já não há retorno possível. Quando saiu, perdeu o caminho da volta. A ilha era o passado, porto anunciado pelas algas do Atlântico, caminho de ir, que podia ser de retorno, mas não era. Ponto de passagem nas visitas com data e tempo marcados. O orgulho de pertencer e viver naquele pedaço de terra da África esvaíra-se nas muitas perdas que colheira pelo caminho. Aquela constatação já fora evidenciada durante as férias, ao ser cumprimentada como uma estrangeira:

Seja bem-vinda à nossa terra, como se não fosse o meu país natal! Com que direito me tratava como estrangeira, quando lhe apresentara um bilhete de identidade semelhante ao dele? Estrangeira em França, era acolhida como estrangeira no meu próprio país, era tão ilegítima como a minha carta de residente em França como com o meu bilhete de identidade! (DIOME, 2004, p. 163).

As boas-vindas soaram para Salie, com uma lembrança dolorosa: a condição de estrangeira. O exílio roubara-lhe o direito de pertencer a sua antiga comunidade. O vestuário, os modos, a forma de impostar a voz, tudo a denunciava com *ger*, estrangeira, de fora, em situação radical de *outsider* no seu antigo lugar de pertença. Como poderia cogitar um retorno? Não havia para onde retornar. “Doía-lhe a ferida que cobre a nostalgia” (DIOME, 2004, p. 160). Exilada para sempre, a partida representava o destino. Nunca estaria verdadeiramente na sua casa. O território, a acolhida, o lugar de pertença só a escrita lhe propiciava:

[...] cera quente que faço correr por entre os sulcos cavados pelos construtores de tabiques de separação de ambos os lados. [...] que loide onde os homens, ao traçarem suas fronteiras, feriram a terra de Deus (DIOME, 2004, p. 209).

Procurando o seu território em uma folha branca; um caderno cabe num saco de viagem. Portanto, onde quer que ponha as minhas malas, estou em casa. Partir, viver livre e morrer, com uma alga do Atlântico (DIOME, 2004, p. 210).

Convencida da impossibilidade de recuperar a pátria para sempre perdida, a narradora inscreve seu nome no rol dos escritores da contemporaneidade que, exilados, produzem uma literatura que traduz a experiência e o desejo de fixar a imagem do seu lugar de pertença, na configuração de um mundo onde a labilidade das fronteiras desfaz os antes fortes muros e suplanta os toques de silenciamento pelas vozes que não se calam. A presença dessa expressão literária original em luta contra os vícios da dependência, conquista um lugar de atuação, falando para o mundo. É para o mundo que a autora lança seu grito de inconformismo e de revolta, analisando o caráter duplo do exílio, diferentes faces de uma mesma moeda. A personificação do Atlântico, mãe, cujo ventre está continuamente prenhe de sonhos e desesperança, pode simbolizar a necessidade de crescimento e reconhecimento de milhões de pessoas que se equilibram na corda bamba do porvir incerto. Histórias de migrantes, exilados, náufragos na vida, em terra ou no mar, tangidos pelos ventos como folhas mortas, em busca da manhã que é recusada.

Referências

BOURDIEU, P. In: SAYAD, A. *A Imigração*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DIOME, F. In: ADUR, L. A escritora senegalesa Fatou Diome expõe a visão de um africano sobre a recente e intensa onda de imigração para a Europa. *Homo Literatus*, 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://homoliteratus.com/fatou-diome-sobre-a-migracao-e-como-se-deixa-los-se-afogar-funcionasse-como-um-bloqueio-para-impedir-os-imigrantes-de-partirem-para-a-europa/>>. Acesso em: 9 de outubro de 2016.

DIOME, F. *O ventre do Atlântico*. Trad. Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2004.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LALAMI, L. *A esperança é uma travessia*. Trad. Márcia do Amaral Prudencio. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOURENÇO, E. *O Canto do Signo: Existência e Literatura*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

Diadorim, Rio de Janeiro, Revista 19 volume 1, p. 63-73, Jan-Jun 2017.

_____. *O Labirinto da Saudade*. 4. ed. Lisboa: Ed. D. Quixote, 1991.

SAID, E. *Orientalismo*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Reflexões sobre o exílio*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, A. *A imigração*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *Le pays où l'on n'arrive jamais*. Courrier de L' Unesco, 1996.

WILSON, C. *O Outsider: o Drama Moderno da Alienação e da Criação*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.